

Léopold Sédar Senghor na Casa dos Estudantes do Império

*José André Leitão da Graça**

Ao longo da sua existência de cerca de duas décadas, em plena época fascista, a Casa dos Estudantes do Império (CEI), foi um ambiente ímpar de convívio entre africanos, de solidariedade e de agitação política anticolonialista, de que nos dá alguma imagem o respectivo boletim *Mensagem*.

Até o seu encerramento na década de 60 do século passado por lá passaram personalidades de duas gerações de estudantes lusófonos do *Império colonial português e do Brasil*: Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Marcelino dos Santos, Aguinaldo Brito Fonseca, Fernando Augusto Albuquerque Mourão, Francisco Tenreiro, Gabriel Mariano, Alfredo Margarido, entre os principais.

Para mim, por exemplo, o momento mais significativo vivido na CEI foi o breve encontro com Léopold Sédar Senghor, quando ele esteve em Lisboa – salvo falha de memória, em 1956 – integrado numa delegação francesa à *Conferência sobre civilizações diferentes* que teve algum eco no *Diário de Notícias*.

A notícia da presença em Lisboa do poeta senegalês – de quem já conhecíamos alguns poemas e a sua *Anthologie de La Nouvelle Poésie Nègre et Malgache d'Expression Française* – foi-nos dada por Fernando Mourão (nosso colega na Faculdade de Direito) que nas suas deslocações a Paris travara relações de amizade intelectual com o homem de letras africano e um dos *chantres* da *Négritude*, ideologia que então, atraía a nossa atenção. No primeiro encontro no Hotel Tivoli, acompanhado de Fernando Mourão, às minhas perguntas diretas e de cariz anticolonialista respondeu Senghor com evasivas, ao mesmo

* Jurista, Cabo Verde.

tempo em que me sugeria uma viagem a Paris nas férias, o que infelizmente não pude concretizar.

No dia seguinte, Gabriel Mariano, Aguinaldo Brito Fonseca, José Araújo e eu próprio estivemos presentes na sede da CEI, onde o ilustre intelectual proferiu de improviso uma palestra sobre a Lei-quadro que concedia à África francófona uma semi-autonomia, criticando, todavia, a reforma por não ter sido concebida num quadro federal, o que conduziria à balcanização da AOF... Porém, em flagrante contraste com a política ultracolonialista de Salazar!

Graças ao Mourão, o Manuel Duarte e eu estivemos ao corrente do que se passava em Paris entre os estudantes africanos francófonos e tivemos acesso às publicações da *Présence Africaine*, onde trabalhava Mário Pinto de Andrade. Foi ainda através de Fernando Mourão que travamos conhecimento com o escritor antifascista Castro Soromenho.

Mais tarde, nos meus anos de exílio – anos 1960, em Dacar tive a oportunidade ainda de trocar algumas palavras com outro dos *chantres* da *Négritude* – o poeta martinicano Aimé Césaire, na livraria *ClairAfrique* onde ele inaugurava o ato de venda e autógrafo de seus livros. A minha escolha foi a biografia de Toussaint Louverture. E no autógrafo, considerava-o o primeiro dos anticolonialistas.

Mais adiante – a partir dos anos 1990 – pude restabelecer contacto com Fernando Mourão por intermédio do meu filho Camilo, que foi seu aluno no curso de mestrado em Sociologia, em São Paulo. É essencialmente um grande amigo.

Praia, Cabo Verde, Outubro de 2010.